

(Texto retirado do site: <http://www.bdesenhada.com>)

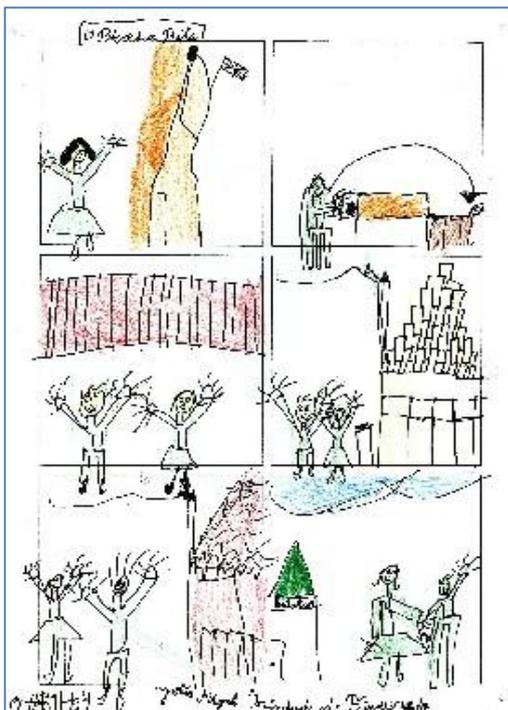
A BANDA DESENHADA NA ESCOLA

Por Clara Botelho*

Desde 1975, com a generalização da reforma educativa que então se implementou, que a Banda Desenhada surge referenciada nos programas escolares em Portugal, devidamente enquadrada nas disciplinas de língua portuguesa e educação visual. Daí que seja já habitual ver nos manuais referências à 9ª arte, bem como saber que os alunos realizam inúmeras pranchas nas escolas, por proposta dos professores.

A minha experiência de 30 anos no ensino da Educação Visual diz-me, no entanto, que nem sempre essa abordagem se faz da melhor maneira. Proponho-me então hoje registar aqui algumas notas de reflexão sobre a capacidade de ler e produzir Banda Desenhada por parte das crianças e jovens que frequentam o ensino básico, desde a aprendizagem das primeiras letras até à adolescência.

VER E LER BD NA ESCOLA - DOS MAUS USOS ÀS BOAS PRÁTICAS



A entrada mais frequente da BD nos manuais escolares, sobretudo naqueles que se destinam aos primeiros anos de escolaridade, faz-se pelo uso deste meio expressivo como veículo de informação. Mais completa do que a mera ilustração, ao associar a linguagem verbal à narração gráfico-plástica, a BD permite um modo mais “lúdico” de transmitir mensagens sobre diferentes conteúdos programáticos. Esses produtos gráficos, por vezes com qualidade visual francamente duvidosa, aligeiram a densidade dos livros, pretendendo torná-los mais atraentes.

Temos aqui identificado um primeiro patamar onde a BD merece ser mais bem

tratada: o seu uso didáctico nos manuais escolares, que nos parece perfeitamente legítimo, deve ser acompanhado por mais exigência na qualidade dos desenhos. A maioria das vezes são ilustrações estereotipadas e grandemente responsáveis por influenciar soluções gráficas pouco criativas, ensaiadas e repetidas por meninos em pleno período “esquemático” de representação, que as usam como modelo, sobretudo no desenho da figura humana e de animais.

Há também uma abordagem mais formal e sistemática, proposta a partir do estipulado nos programas. Aí, assistimos à introdução da “gramática”, o ensino da terminologia própria para designar vinhetas, pranchas, balões e legendas, bem como onomatopeias, signos cinéticos ou outros recursos gráficos mais comuns na Banda Desenhada. A tentação imediata do professor, devidamente apoiado no manual, é encarar esta “matéria” com o mesmo formalismo com que se gerem outras aprendizagens, valorizando a capacidade dos alunos de identificar, classificar e definir estes “atributos”, a partir de exemplos mais ou menos avulsos, normalmente escassos, impressos nos manuais.

Digamos que o segundo nível de mau uso da BD, quando é abordada na escola, é ver-se transformada num arrazoado de definições que correm o risco de afastar os jovens leitores da sua fruição. A aprendizagem da “gramática da banda desenhada” pode fazer-se espontaneamente, pela leitura. Muitos de nós, de gerações onde a BD nem de perto, nem de longe era abordada na escola, aprendemos lendo. E aprendemos bem. Depois de, naturalmente, ter reconhecido as particularidades dos aspectos formais da comunicação em BD, é fácil perceber que é necessário designar de modo correcto os seus elementos - a isso chamamos, em pedagogia, “aprendizagem significativa”.

Mas o principal é ver muito, ter contacto com álbuns, pranchas, autores diversos, representativos de diferentes estilos e épocas, obviamente seleccionados de acordo com as temáticas e abordagens gráficas mais adequadas a cada grupo etário. Na Banda Desenhada, como nas restantes artes visuais, o primeiro dever do professor é mostrar muitos exemplos, exemplos de qualidade e que, neste caso, facilmente podem ser encontrados nas bibliotecas escolares ou municipais.

Assim se desperta o gosto pela BD - dela fruindo.

A CRIANÇA DO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO E A BD

A capacidade de interpretar narrativas visuais e de traduzir narrativas em imagens vai sendo diferente, ao longo do processo de maturação que se faz no percurso do ensino básico. Por isso, é importante que os professores tenham alguma noção sobre o que podem esperar ou exigir ver cumprido por alunos de diferentes idades, em diferentes estádios de desenvolvimento, tanto a nível cognitivo como na representação gráfico-plástica.

Ressalvando desde já que cada indivíduo é um caso e as balizas etárias são tentativas de enquadramento a partir da prestação do “aluno médio”, podemos encontrar características específicas de cada fase de desenvolvimento, que se vão modificando ao longo do tempo, em todas as crianças e jovens.

A capacidade de ler autonomamente a Banda Desenhada surge com a aprendizagem formal da leitura. Antes disso, de forma espontânea, a criança consegue e aprecia ver sequências narrativas e pode ir interiorizando o mecanismo da ordem de leitura conforme a norma do sistema de escrita em que está



culturalmente inserida - para nós, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Mas só quando domina a leitura pode fazer a interpretação integral duma prancha, sem necessitar da ajuda alheia.

É importante realçar que a associação entre imagem e texto, que na BD assume o seu formato mais elaborado, é um mecanismo absolutamente natural para a criança que começa a ler e escrever. “Legendar” os seus desenhos é um processo que cedo encontra para reforçar o entendimento das mensagens, quando pretende ser entendido - isto até antes de saber escrever, pedindo ao adulto que registe por escrito o significado dos seus grafismos.

A introdução de diálogos e o reforço com legendas, acompanham a natural

sequenciação de produções gráficas onde a criança vai gerando uma narrativa. De forma simples e sem grande planificação, ela concebe aquilo que se pode designar por embriões de BD, pequenas narrativas gráficas sem regras muito elaboradas.

É importante que o adulto não exija cedo demais o uso sistemático dos recursos “gramaticais” da BD. Se é fácil para uma criança de 7 ou 8 anos identificar e distinguir balões de legendas, por exemplo, isso não implica necessariamente que lhe seja fácil introduzi-los sem equívoco nas sequências que desenha. Por outro lado, em relação a aspectos como, por exemplo, a representação de movimento, uma das características do desenho infantil do período que corresponde ao 1º ciclo do ensino básico é a rigidez de postura nos elementos representados.

O que fazer então, para ajudar estas crianças a fazer banda desenhada? Dar-lhes oportunidades de desenhar sequências gráficas, sem impor regras, enquanto paralelamente se lhes vai mostrando BD de autor, esperando que as regras vão sendo progressivamente entendidas e adoptadas também na produção. Fornecer, de vez em quando, páginas previamente divididas em vinhetas de dimensão suficiente para a representação infantil, propondo que sejam ocupadas de acordo com a ordenação formal de leitura. Não esperar grande planificação da estória - esta não é ainda a idade da planificação, o número de vinhetas pode ser imprevisível ou a criança ir preenchendo todas as que lhe são propostas, sem respeitar a dimensão da narrativa.

A criança produzirá mais e melhor se se sentir em liberdade e as suas pranchas não forem “corrigidas”. Ao professor cabe ir avaliando o progresso na ordenação das sequências gráficas, na aplicação das regras, mas sem riscos de caneta vermelha a reprimir os resultados que forem surgindo ou atribuição de classificações que inibam o desejo de continuar.

Quanto a materiais e técnicas, sugiro o recurso a canetas finas pretas, por exemplo de gel, para o esboço directo, evitando o uso da borracha e facilitando o “soltar” do traço. Deve-se colorir com técnicas não húmidas (lápiz de cor, pastel, marcadores) no caso de haver desenho prévio com caneta, para não “borrar”. Caso se trate de experiências a preto e branco, tirar partido da exploração de grafismos no preenchimento de superfícies.

Na forma de dar cor às vinhetas, não surge espontaneamente o preenchimento integral da superfície e isso não deverá ser forçado. As crianças desenharam a relação espacial acima / abaixo de acordo com um sistema que não corresponde ao realismo visual mas sim ao que sabem estar

em cima e em baixo - no meio, “o ar”, invisível e por isso não preenchido com cor.

Esta será utilizada no início de modo aparentemente aleatório, depois quase simbólico, a partir dos esquemas típicos do desenho infantil: sol amarelo, nuvens azuis, telhados vermelhos, troncos de árvore castanhos... Naturalmente, a criança seleccionará uma paleta de tons saturados e luminosos.

CONCEBER E REALIZAR BANDA DESENHADA COM ALUNOS DO SEGUNDO CICLO

A nível cognitivo, poderemos dizer que o maior avanço que se dá por volta do 2º ciclo do ensino básico está na capacidade de planificar o trabalho, permitindo progressivamente que a concepção das pranchas possa ser prevista antes da respectiva execução. O aluno, nesta fase de desenvolvimento, consegue de forma mais consequente dividir uma narrativa em cenas e cada cena num número adequado de vinhetas, para elaborar a narrativa visual.

É também a altura ideal para ser mais exigente quanto ao uso da gramática gráfica da BD. O recurso a signos cinéticos, metáforas visuais e onomatopeias e uma exploração mais criativa dos balões são características comuns à maioria das produções de BD com este nível de ensino.

Nesta fase, as temáticas continuarão a parecer infantis, mas com resultados mais parecidos com aquilo a que formalmente chamamos Banda Desenhada. No entanto, os professores devem ter consciência de que há aspectos em que o nível de maturidade das crianças lhes não permite explorar plenamente as potencialidades do meio. Destacarei três dimensões: organização espacial da prancha, recurso a diferentes tipos de planos e uso da cor.

Em termos de organização espacial das pranchas, a tendência natural dos alunos desta fase etária é para uma divisão do espaço em vinhetas quadrangulares de dimensões semelhantes, em toda a área a desenhar. Com alguma ajuda por parte do adulto, poderão eventualmente duplicar o módulo-base ou subdividi-lo, mas dificilmente procurarão soluções mais criativas.

Quanto ao recurso a planos, é habitual verificar que predominam os planos de conjunto, como se se tratasse dum clássico palco de teatro. Planos

aproximados ou de pormenor não são usuais, surgindo sobretudo por sugestão do adulto.

As personagens aparecem normalmente de corpo inteiro, em posições um tanto rígidas, se bem que seja nesta fase que alguns alunos começam de forma consequente a representar posturas mais dinâmicas. São raras as ocultações parciais dos elementos em presença, destacando-se todos num cenário onde começa a ser possível verificar o total preenchimento dos fundos, com algum realismo visual. O mesmo realismo predominará, no uso da cor. Os tons mais saturados continuam a ser preferidos, utilizados com naturalismo, o que normalmente dá azo a uma certa monotonia na cor dominante das pranchas, determinada pelo conteúdo narrativo do cenário.

Nesta fase o aluno dificilmente aceitará desenhar directamente com caneta. A sua capacidade de planificação, o receio de “errar”, tenderão a fazê-lo esboçar primeiro a lápis, podendo depois ser levado a diversificar as técnicas de realização final - misturando aguadas de guache ou aguarela com lápis de cor, desenhando os contornos a posteriori, recorrendo a diferentes técnicas, simples ou mistas, conforme o que conhece e o material que tem disponível.

A BD NO TERCEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO

Com o despontar da adolescência, pelos meados do terceiro ciclo, temos finalmente um jovem com capacidade de preparar um guião complexo para a sua proposta de Banda Desenhada. Se conhecer diferentes exemplos e, melhor

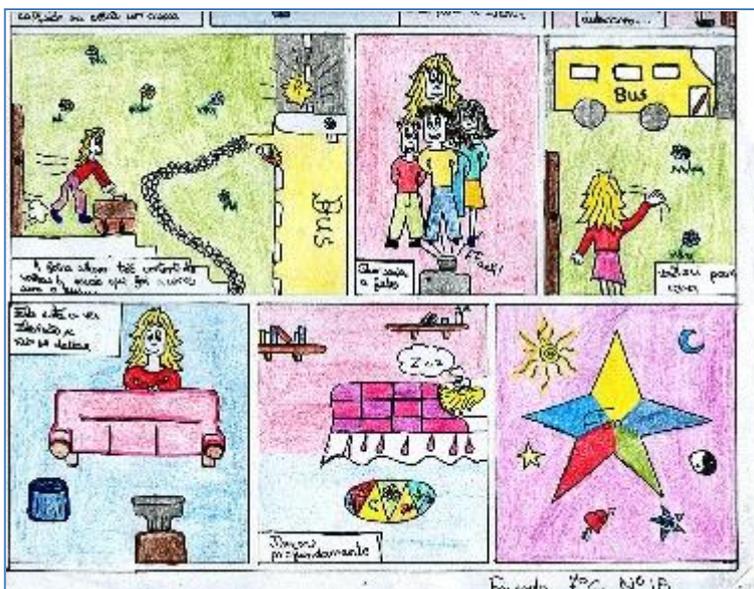


ainda, se tiver tido a oportunidade de ver originais feitos por profissionais, visitando exposições ou festivais, estará no momento óptimo para dar às suas

pranchas dinamismo espacial, recorrer à diferenciação de planos e explorar o simbolismo psicológico na utilização de cor.

Adolescentes com meios à disposição e um olhar treinado de leitores de BD produzirão pranchas muito próximas do que é esperado dos adultos. Cabe então ao professor ser exigente quanto à planificação, a fim de os auxiliar na pesquisa de soluções, antes que se precipitem numa realização pouco preparada.

É nesta fase que a capacidade de abstracção permite incursões em territórios menos óbvios, mais subjectivos. Temáticas com representação de sonhos,



ideias, emoções surgem associadas a uma paleta cromática onde as tonalidades mais sombrias tomarão vez. O uso do negro para preencher grandes superfícies ou cenários é uma solução típica de adolescentes.

A organização do espaço total da prancha é um desafio que os jovens gostam de enfrentar. Vinhetas irregulares, pranchas com cenário amplo onde se insere uma sequência de vinhetas menores, esquemas de leitura menos banais aparecem naturalmente nos trabalhos.

De igual modo, o jovem vai ficando cada vez mais capaz de explorar o dinamismo dos diferentes planos possíveis. Primeiramente, por aproximação frontal - do plano geral para planos mais aproximados, até ao pormenor - e, numa fase mais avançada, a exploração eventual do picado e contra-picado.

A figura humana ganha vida e o adolescente deve ser convidado a explorar graficamente as personagens que cria, antes de passar ao desenho das vinhetas.

Claro que é também uma época de grande sentido auto-crítico, onde frequentemente o jovem bloqueia e não desenha, por achar que não é capaz. Também por isso se torna tão importante insistir na planificação: um adolescente mais crítico, depois de construir um guião complexo, por si

elaborado, aceitará melhor um resultado visual final menos bom, por saber que lhe é reconhecido o mérito da planificação.

Dar muita BD a ver, mostrar originais, propor frequentemente a construção de narrativas gráficas com diferentes graus de complexidade, é mais do que “cumprir programa”. Trata-se dum forma extremamente completa de estimular a descodificação e construção de narrativas, a organização espacial, o desenho da figura humana, o uso da cor, entre outros.

Mais ainda, levar os alunos a ler e produzir banda desenhada na escola é a forma mais eficaz de criar um exército de futuros leitores informados, capazes de separar o trigo do joio e com abertura para novos modos de fazer BD.

A BD E AS COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER NOS ALUNOS, SEGUNDO O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

No primeiro ciclo do Ensino Básico:

- Experimentar a leitura de formas visuais em diversos contextos - pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada (...);
- Ilustrar visualmente temas e situações;
- Explorar a relação imagem-texto na construção de narrativas visuais.

No segundo ciclo:

- Interpretar mensagens na leitura das formas visuais;
- Conceber sequências visuais a partir de vários formatos narrativos;
- Produzir objectos plásticos explorando temas, ideias e situações.

No terceiro ciclo:

- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais;
- Descrever acontecimentos aplicando metodologias do desenho de ilustração, da banda desenhada ou do guionismo visual;

- Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição.

In *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais* -
Competências Específicas de Educação Visual (2001)

[BD de João (7 anos), Sara (7 anos) e Rafaela (12 anos)]